

RESENHA

João Paulo Thomaz de Aquino*

SMETHURST, Matt. **Diáconos: como eles servem e fortalecem a igreja.** São Paulo: Vida Nova, 2021. 97p.

Matt Smethurst é o pastor principal da Igreja Batista River-City, na cidade de Richmond, Virgínia. Smethurst foi missionário na Ásia, atua como editor chefe da *The Gospel Coalition*, fez um estágio na Capitol Baptist Church (pastoreada por Mark Dever) e tem um MDiv cursado no Southern Baptist Seminary. É autor dos seguintes livros: *Before You Share Your Faith: Five Ways to Be Evangelism Ready* (2022), *Deacons: How They Serve and Strengthen the Church* (2021), *Before You Open Your Bible: Nine Heart Postures for Approaching God's Word* (2019) e *1–2 Thessalonians: A 12-Week Study* (2017).

O livro aqui resenhado é de leitura fácil, muito bem escrito e revisado, com diversas histórias que tornam a leitura agradável e interessante, comunicando bem com diferentes níveis de leitores. O livro é bastante evangelical e não somente transmite conteúdo, mas faz aplicações práticas muito apropriadas. Além disso, o autor oferece uma apologia correta da existência de dois ofícios na Igreja, o de presbíteros e o ofício diaconal.

No entanto, apesar dos merecidos elogios acima, o livro *Diáconos* de Matt Smethurst não é uma obra recomendável para ensinar os diáconos presbiterianos, pois a visão de diaconato transmitida não está em harmonia com a concepção de diaconato expressa nos símbolos de ordem da Igreja Presbiteriana do Brasil, os quais creio que são mais bíblicos do que a proposta do livro.

* Doutor em Novo Testamento pela Trinity Evangelical Divinity School (2020); doutor em Ministério pelo Reformed Theological Seminary/CPAJ (2015); mestre em Novo Testamento pelo Calvin Theological Seminary (2009); mestre em Antigo Testamento pelo CPAJ (2007); professor de Novo Testamento no CPAJ e no Seminário JMC; pastor da Igreja Presbiteriana JMC, em Jandira (SP); editor dos websites issoegreggo.com.br e yvaga.com.br.

Selecionarei três áreas de discordância para fundamentar meu julgamento: (1) o livro descaracteriza o diácono como o oficial da ação social, (2) faz uma proposta de extinção do trabalho diaconal conjunto e (3) faz uma defesa do diaconato feminino.

Falemos, então sobre o primeiro ponto, ou seja, o fato de que o livro descaracteriza o diácono como o oficial da ação social. Smethurst vê corretamente Atos 6 como o início do diaconato, mas em vez de focar no aspecto do cuidado social, ele enfatiza mais a função dos diáconos como solucionadores de problemas a fim de que os presbíteros tenham tempo para se dedicar à oração e à pregação da Palavra. É nesse sentido que ele afirma na página 75: “O princípio mais amplo da função do diácono, no entanto, inclui qualquer coisa na vida da igreja que ameace distrair e desviar os presbíteros de suas responsabilidades primárias”. Nessa proposta, o diácono passa a ser um faz-tudo e o cuidado com as necessidades físicas das pessoas, parece-me, volta a ser ignorado, pois não existem oficiais na igreja que se preocupem principalmente com essa área fundamental.

O segundo problema da proposta de Smethurst é a extinção do trabalho diaconal conjunto. Observe-se essas duas citações:

Em minha igreja, contamos com funções diaconais específicas. Em vez de se reunirem como órgão deliberativo, os diáconos são eleitos para diaconatos específicos e são estimulados a coordenar grupos de voluntários quando surgem as necessidades. Hoje contamos com 14 diaconatos diferentes, apesar de o número oscilar dependendo das necessidades da congregação. No mês passado, por exemplo, dissolvemos nosso diaconato para o cuidado missionário após a conclusão de que uma de nossas equipes pastorais poderia gerenciar as responsabilidades de modo mais homogêneo e sem muita tensão (p. 88).

O diácono da nossa igreja que cuida dos membros foi realmente um presente de Deus. Ele e sua esposa se esforçam muito e passam horas incontáveis com pessoas necessitadas. Se um membro da igreja precisa de um pouco de dinheiro para sobreviver ao mês, esse diácono fará mais que enviar um pedido à equipe que cuida das benevolências; ele se encontrará com a pessoa e tentará chegar à raiz do problema. Existem padrões de gastos que precisam ser resolvidos? A pessoa está suficientemente conectada aos irmãos para obter ajuda orgânica dos membros sem uma intervenção especial? A pessoa simplesmente precisa de alguém para fornecer aconselhamento sobre orçamento ou procurar emprego? (p. 97)

Perceba que a proposta do livro não é a existência de uma “junta” ou um “corpo” diaconal, mas que diáconos sejam escolhidos para desempenhar funções específicas na igreja que podem ou não abarcar a ação social. Nessa proposta existe um individualismo exagerado, bem como a perda da sabedoria coletiva. Além disso, há poder e trabalho demais concentrados nas mãos

de indivíduos. Em vez de haver uma divisão de preocupações como em Atos 6, há indivíduos escolhidos pelos presbíteros que terão toda autoridade para solucionar problemas em áreas específicas da igreja. Não me parece ser essa a proposta bíblica do diaconato.

O último problema que levanto na proposta diaconal desse livro é o fato de que o autor faz uma defesa do diaconato feminino. Que fique claro que Smethurst faz isso em um apêndice e o faz com sabedoria, amor cristão e sem belicosidade. Na p. 135, o autor é bem claro com relação à sua posição: “Sou bem franco: em minha opinião considero bíblico ter mulheres no ofício de diácono”. Assim, depois de apresentar de forma séria (ainda que não profunda) os argumentos contrários ao diaconato feminino, Smethurst faz a defesa do mesmo com os seguintes argumentos: (1) nenhuma passagem da Escritura proíbe que mulheres sejam diaconisas; (2) em 1Timóteo 3.11, Paulo se referiu a diaconisas, não às esposas dos diáconos; (3) Febe (Rm 16.1-2) era uma diaconisa, não só uma servidora; (4) houve “diaconisas na história da igreja” e (5) diaconisas são uma “rica bênção para a igreja (p. 141-147). Não há espaço e nem é o nosso foco aqui contrariar os argumentos do livro, mas fica claro que essa proposta não se encaixa naquilo que a Igreja Presbiteriana do Brasil tem compreendido acerca do diaconato.

Finalizo assim esta resenha com alguns conselhos. Primeiro, é muito bom e útil ler livros que apresentem visões contrárias àquelas que você sustenta, mas não é aconselhável usar esses livros na formação de cristãos, instrução de presentes ou futuros diáconos ou formação dos futuros pastores da denominação. Segundo, as críticas contidas nesta resenha não desabonam em nada o autor, os diversos aspectos positivos do livro e o ministério 9 Marcas que publica o livro. Em terceiro lugar, denominações têm suas maneiras peculiares de compreender as Escrituras, especialmente uma denominação confessional como a Igreja Presbiteriana. Assim, certamente devemos usufruir das bênçãos e sabedoria de ministérios paraeclesiais como o 9 Marcas e editoras evangélicas em geral. Ao mesmo tempo, no entanto, devemos nos lembrar que não há neles um compromisso com a confissão, tradição e teologia presbiterianas. Assim, valorizemos e aproveitemos também aquilo que nossos documentos, estudiosos, pastores, editora e instituições produzem e reproduzem.